

A necessidade de professores de Matemática e a sua formação inicial: uma relação difícil

Joana Porfírio

Ao analisar as várias modalidades de formação inicial de professores de Matemática, duas questões podem colocar-se:

- está esta formação de acordo com as necessidades do sistema de ensino?
- necessita o sistema de ensino português dos professores que estão a ser formados em Matemática?

No 3º ciclo do Ens. Básico e no Ens. Secundário continua a haver carência de professores habilitados e a possibilidade de se ser professor de Matemática tem mais a ver com esta realidade do que com a formação inicial de cada um. Não é preciso afastarmo-nos muito dos grandes centros para encontrar nestes níveis de ensino professores sem habilitação própria e mesmo sem habilitação a nível superior. Muitas escolas continuam a ter, ano após ano, professores de Matemática que têm horário nocturno para acumular com outro emprego, ou esperam um emprego fora do ensino, ou estão a concluir um curso superior.

Perante esta situação, a atitude do Ministério de Educação tem sido de grande indiferença. Assim, prefere-se recorrer todos os anos à contratação de professores sem habilitação, a implementar medidas que permitam, por exemplo, potencializar a experiência destes professores e reorientar a sua formação inicial.

No 2º ciclo do Ens. Básico o panorama é bem diferente. Com efeito, na maior parte das escolas os professores do 4º grupo são profissionalizados ou, pelo menos, têm habilitação própria.

Perante estas duas realidades bem distintas, será interessante analisar a sua evolução tendo em conta a entrada no sistema dos professores de Matemática que estão a ser formados nas várias instituições de Ens. Superior.

As ESEs podem formar professores do Ens. Básico na Variante de Matemá-

tica e Ciências da Natureza. Segundo a legislação, a formação destes professores deve ter as seguintes características:

- duração de oito semestres;
- incluir uma componente de prática pedagógica com uma carga horária total entre 22,5% e 27,5%;
- incluir formação em ciências da educação com uma carga horária total entre 12,5% e 17,5%;
- os seis primeiros semestres curriculares do curso devem garantir uma formação global equivalente à de professor do ensino primário.

Este modelo de formação de professores procura não separar as componentes científica, pedagógica e prática. Embora se reconheça que, de facto, uma efectiva interligação entre estas três componentes tem sido difícil de alcançar, este é um dos aspectos mais positivos deste modelo. A grande dificuldade em organizar um plano de formação coerente reside principalmente na imposição de que estes cursos formem professores para os dois primeiros ciclos do Ens. Básico. Assim, uma vez que este curso confere habilitação profissional para leccionar no 1º ciclo e no 4º grupo do 2º ciclo, toda a formação inicial destes professores tem de ser organizada em torno de uma lógica que deve ter em conta tanto o professor generalista como o professor especialista numa determinada variante. Reconhece-se facilmente que se torna necessário conciliar contextos e práticas que tradicionalmente têm estado muito afastados.

Um argumento, embora bastante discutível, que poderia ser usado na defesa da existência destes cursos seria a necessidade de formar professores para estes dois níveis de ensino. No entanto, facilmente se verifica que há um grande excesso de professores do 1º ciclo e que,

mesmo no 2º ciclo, as possibilidades de emprego são cada vez mais reduzidas.

Na realidade, o que se passa é que, com o considerável número de escolas C+S que têm sido criadas, estes professores ainda vão tendo colocação, mas ficam a leccionar níveis para os quais nunca tiveram formação inicial adequada.

Insiste-se, pois, nas contradições:

- formar (e o que é mais grave, formar mal) professores do 1º ciclo, apesar de não haver falta de professores para este nível de ensino;
- formar professores de Matemática/Ciências da Natureza para o 2º ciclo que, no entanto, terão muitas probabilidades de efectivamente vir a ser professores de Matemática do 3º ciclo;
- não formar professores para o 2º e 3º ciclos (junção bem mais adequada à nossa realidade), embora esta solução contribuisse para que no Ens. Secundário se verificasse uma menor necessidade de professores de Matemática.

Porém, parece que estas questões não são relevantes para as entidades responsáveis. Parece que para elas o mais importante é ter cursos a funcionar para aumentar as vagas no Ens. Superior. Quanto à formação inicial adequada às funções que cada um acabará por exercer na prática, talvez pensem que a grande solução virá com a diminuição da população escolar. Assim, com menos alunos, pode ser que não falem professores no 1º grupo do Ens. Secundário.

Quanto aos professores de Matemática dos outros níveis de ensino, reflectir sobre a formação adequada pode ser encarado como um exercício puramente académico pois estarão, dentro em breve, destinados ao desemprego!

Joana Porfírio
ESE de Setúbal